

CARVALHO, Ruy Duarte. *Desmedida, Luanda-São Paulo-São Francisco e Volta – Crônicas do Brasil*. Lisboa: Cotovia, 2006. 323 p.



Nós estamos juntos é juntos, Paulino,
no vaivém das balsas

(*Desmedida*, p. 202)

Com uma linguagem, que o labor poético refinou, Ruy Duarte de Carvalho expõe em *Desmedida, Luanda S. Paulo e Volta* todo um programa que, em torno do Rio São Francisco o levou a estabelecer “um itinerário de observações e de leitura... uma articulação galopante de casos e comentários de ideias e palavras”. O subtítulo do livro *Crônicas do Brasil* situa-o no lugar da ficção onde se constrói uma arte de contar cujo fio condutor é um pensamento sobre a História não para a julgar ou avaliar mas para descobrir os nexos, os profundos sentidos que se estabelecem quando se isolam os tempos e os lugares. Enuncia-se uma viagem em torno do Rio São Francisco, mas eis que as suas “paisagens propícias”¹ obrigam a vários tipos de itinerários e se oferecem à reflexão sobre a muita literatura que sobre elas se produziu. O texto consome os outros textos num movimento de produção continuada de escritas, relatos de viagem, História e ficções. É programa que o autor anuncia em livros anteriores:

A história verdadeira, neste caso a viagem, vivida como ficção. Em viagem, portanto, narrador... Disponível para deixar-se repescar do caminho afundado e solitário que sempre há-de ser o da escrita, pelas escritas que o mundo captado expressivo porque imprevisto e “novo” lhe convida a inscrever como ficção na ficção da sua própria narrativa e na expectativa, sempre, de que daí resulte, aí se dissimule, qualquer coisa que exceda a intenção, o contexto e o labor da escrita, alguma parte daquilo que o comum do dia – a – dia impede de ver, a *sobreposição lenta de camadas finas e transparentes* da própria ficção do mundo.²

Labor que cumpre aqui atravessando paisagens, mas procurando as palavras que ordenam o mundo e dele se apropriam com uma especial aptidão para o interpretar.

Circula através das palavras dos outros e “nem sequer está nessa de produzir mais sínteses de viagens feitas através dos livros dos outros e dos papéis” (*Desmedida*, p. 163). Com um plano rigoroso que se desenha em Paris o autor vai e vem entre as duas margens do Atlântico, porque há muito Brasil para explicar e uma Angola para entender. Assim o que espera o leitor não é uma simples viagem, nem o relato que dela resultou, mas um mergulho implicado na história de dois países que o destino juntou em determinadas épocas da sua existência. A adesão é completa quando o leitor percebe a mudança que o narrador assume imbuído do seu papel de contar o mundo aos pastores: “contar do que se viu, depois de ter andado a viajar, faz parte do que compete a quem volta ao lugar de onde saiu antes, quando regressa aos seus” (*Desmedida*, p. 169). É sem medida assim a tarefa de quem resolve, assume e faz contar as voltas que a vida dá com todas as falas, as vozes e as escritas atrás. É tarefa gigantesca que o autor esgrime com perfeição essa de atravessar os mundos todos da escrita para chegar à oralidade e à capacidade de contar o mundo a quem não é letrado, não sabe ler mas depende e está preparado para as horas de contar. Chegou a hora, enuncia o autor, de deixar de explicar os pastores ao mundo mas de explicar o mundo aos pastores (*Desmedida*, p.226). E é com uma ciência toda de experiência feita que assume essa função a do contador de histórias que recupera do presente os exemplos que lhe permitem construir os caminhos da memória histórica. Aplicar uma teoria do parentesco entendível à percepção dos pastores para contar as mudanças da história de Portugal e da Espanha, coisa muito de tios e sobrinhos de heranças e transmissões de invasões e guerras.

Angola e Brasil foram terreno fértil das construções literárias de um número significativo de escritores e exploradores e marinheiros e viajantes que em português, francês ou holandês deram disso testemunho ao mundo. Poetas, cartógrafos, engenheiros e outros de profissões similares não deixaram de dar ao mundo essa ideia de terra descoberta e aprisionada pela no sentido primeiro da descrição que é como quem diz do estranhamento perante tão desmedido mundo e tão desvairadas gentes. Assumindo os lugares de onde vê e de onde vem, o autor

¹ *Paisagens Propícias* é o título de um texto de ficção de Ruy Duarte de Carvalho, editado pela Cotovia em 2005.

² Carvalho, Ruy Duarte de, *Paisagens Propícias*, p. 13.

explica os motivos da nova visita e torna públicas as possibilidades que tem de juntar sertões sejam os de Guimarães Rosa que o perturbam desde uma longínqua juventude, sejam os de Euclides. É “africano e vem prestar o seu tributo” sabendo de antemão as paisagens que tem que enfrentar, mais difíceis as literárias do que as outras e sem perder de vista o destinatário que se vai figurando ao longo das 323 páginas do livro.

O imaginário do Brasil está presente, desde sempre em Angola e nos angolanos que em cidades como Benguela, Gabela ou em Moçamedes (citamos as que são escolhidas pelo autor) se encontram ou têm notícia dos primeiros Jorge Amado, Lins do Rego ou Manuel Bandeira. Também há quem conheça e pratique desde sempre os sambas de enredo, as modinhas de Luiz Gonzaga e frequente as notícias de um Brasil quotidiano que as revistas *O Cruzeiro* e *A Manchete* espalhavam Angola fora. Mas há um Brasil mais antigo e profundo presente na história de Angola e feito por militares, missionários e traficantes que transitavam ente as duas margens.

De tudo nos dá notícia o autor de *Desmedida* desde sempre atento ao que se passava à volta e permeável a que ao seu encontro viessem “certos livros” sedimento de uma memória antiga a articular no tempo e no espaço. Propõe-se assim aceitar o desafio do São Francisco, “o fabuloso Rio S. Francisco” (*Desmedida*, p. 42) para enfrentar essa “bolha de temporalidades” (p.278) onde cabem as histórias de Richard Burton, o *Sir*, evidentemente que explorou o médio São Francisco e pôs o Brasil nas Bocas do mundo, ao mesmo tempo que traduzia Camões (seu modelo de vida) e que sua mulher Isabel Burton levava à língua inglesa *Iracema* de Alencar.

Tudo isto aparece contado pelo autor de *Desmedida*, as personagens e os contextos históricos que as produziram e produzir também, de sua lavra, alguma reflexão que o mergulho profundo nas obras dos autores “dos certos livros” lhe permite. O livro ganha fôlego, “porque talento é isso” (p. 39) entre tensões que as diferentes escritas em confronto lhe impõem como critério de verdade e ajuste ao Brasil e o autor afina os sentidos para recuperar da memória o momento em que “se cruza com o anjo” e rememora Cendrars, o criador de *Moravagine* e de um conjunto de obras de referência, mas o que vem aqui muito a propósito é uma passagem de Cendrars pelo Brasil, pela mão de Paulo Prado, depois de, em Paris ter conhecido os outros modernistas brasileiros.

O “Quintal metafísico” autoriza a história a falar e o discurso constrói-se em torno da análise que sobre África foi sendo alinhavada. Diferentes elaborações filosóficas alimentaram-se de mitos para explicar as origens, propor a salvação das almas ou criar o contorno do homem novo

numa mais nova e mais elaborada efabulação. O autor não esquece ninguém e desde Henry Ridder Haggard o das *minas de Salomão* (que Eça de Queiroz traduziu para português) a Conrad uma extensa lista bibliográfica é alinhada e comentada para iluminar alguns aspectos da história de África, de Angola e do Brasil a ter em conta.

Nesta festa da literatura em que o autor se institui como celebrante nada é esquecido: expedições que davam filmes, a ideia lenta e pastosa sempre presente como o Rio São Francisco das cidades submersas só avistadas por alguns eleitos como Cendras, Mário de Andrade e do autor que as situa no lugar onde o cinema as pode tratar como em certos filmes em que pensou no afã de resolver “os tempos todos que estas viagens misturam” (*Desmedida*, p. 182). Viagem é assim uma palavra mágica que neste trabalho se institui como fio condutor dos trânsitos maiores entre África e o Brasil. Muitas figuras reais são convocadas para abrir as veredas deste livro que foge ao rótulo de romance histórico por determinação do autor e organização topográfica do texto. Os materiais da história, textos, documentos, monumentos circulam por ente as novas situações criadas por aliança entre um olhar novo e as palavras, os gestos, as fitas e as coisas outrora ditas. Há muita história do Brasil que se liga a Angola, descobre o autor para mais tarde contar ao Paulino, o ouvinte de eleição escolhido desde o princípio, e muita História de Angola que envolveu Brasil e os brasileiros num movimento, “os fluxos ao contrário” que liga reinos, escravos, governadores comuns numa regularidade que a história explica. Entre narrador e destinatário insinuam-se os pressupostos e as condições para descrever, analisar e explicar os fundos da História comum que implicam holandeses e o duplo domínio de Brasil e Angola como antigos cronistas o haviam contado. António de Oliveira Cadornega, o muito citado autor da *História Geral das Guerras Angolanas* é aqui chamado (*Desmedida* p. 246) como testemunha do período holandês em Angola e para falar dos “muitos brasileiros” que se juntaram um dia na Baía do Kikombo para libertar Luanda. O autor aproveita o tempo da história para falar da Jinga “Tão complexamente real e feminina” (p.246) cujo percurso segue e conta para a instituir como paradigma de outras tantas mulheres que servem outras tantas literaturas. Hegel e Sade passam por aí (p. 251).

A obra aproxima os lugares à medida que os visita porque as fronteiras só existem nos sítios onde as temporalidades se cruzam numa constelação de factos e ritmos que transformam quem as visita, como Canudos transformou Euclides.

Ciente da “desmedida com que andava a lidar” Ruy Duarte de Carvalho, nomeia então os personagens os da história e os da literatura, lugar e território onde cabem Ghandi e Martin Luther King, Henry Thoreu (e a deso-

bediência Civil), mas também Lampião e Maria Bonita, António Conselheiro e o Pe. Cícero. *Nordesterns* cria o autor com felicidade, evocando as literaturas antigas e os muitos filmes que viu nos anos cinquenta, sessenta e setenta do século XX. A noção de “ficção antecipativa”, conceito que desenvolve (*Desmedida*, p. 305) permite ao leitor antever o que será o próximo trabalho com o muito apropriado título *A terceira Metade*. Escolhe um fim na medida certa para este trabalho ciente dos muitos livros,

“ os certos livros” que o situaram em certos passados. Partilha com o leitor livros e passados, os que enumera e os muitos que “ não li, ouvi contar”. Fica assim completo o programa dos muitos mundos dos sertões que viu e dá notícia afeiçoando a voz ao muito que os pastores têm para perguntar.

ANA PAULA TAVARES

Escritora/Arquivo Histórico Nacional de Angola